I ANNO — OUTUBRO DE 1882 — N.º 10

A ARTE PORTUGUEZA

REVISTA MENSAL DE BELLAS-ARTES

PUBLICADA PELO

CENTRO ARTISTICO PORTUENSE

CONSELHO DE REDACÇÃO

PARTE ARTISTICA — **Thomaz Augusto Soller**, architecto; **Antonio Soares dos Reis**, esculptor; **João Marques da Silva Oliveira** e **Antonio José da Costa**, pintores

PARTE LITTERARIA — **Joaquim de Vasconcellos** e **Manoel Maria Rodrigues**

PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

66 — RUA DA FABRICA — 66

1883

CURSO DE ARCHEOLOGIA

SEGUNDO MR. HEUZEI

Julgamos prestar um bom serviço aos estudantes de bellas-artes, dando-lhes aqui o transunto das lições de *Historia Grega* professadas pelo snr. Heuzei, na Escola de Bellas-Artes de Pariz e que constituem alli o curso de archeologia.

Estas lições são traduzidas dos apontamentos tirados, durante o referido curso, por um distincto alumno que frequentou a mencionada Escola.

Religião

Revelando-se o genio dos gregos tão distincto nas artes e na litteratura, parecerá á primeira vista que se rebaixou elle de algum modo, quando se examina a religião d'esse povo. Os deuses da Grecia são forças divinisadas da natureza, tendo-se encarnado na fórma humana para tornar mais sensiveis essas divindades. E' por isso que essa religião tomou os nomes de Polytheismo, para demonstrar que as divindades estão n'ella multiplicadas, e de Dantraphaophismo, porque as mesmas divindades tomaram a fórma humana para se tornarem mais sensiveis. D'ahi provéem as qualificações de pantheista, de materialista e de sensualista que se dão á referida religião.

Antes, porém de a julgar com demasiada severidade, convém averiguar a sua origem e os principios que lhe deram a existencia, bem como seguil-a nas ultimas modificações que lhe deu um povo que se civilisava, vendo-se então, quando fôr examinada n'essa epoca, a mais florescente da Grecia, se ella é realmente tão inferior ao seu povo, como se poderia julgar.

O que deve ter ferido a imaginação das gerações primitivas, o que as havia principalmente ter impressionado, seriam sem duvida os phenomenos da natureza, e é por isso que na sua origem as divindades não são outra cousa mais do que as forças metheorologicas tornadas sensiveis. Essas forças physicas são representadas por animaes e quando a naturesa não é bastante rica para satisfazer a esta necessidade do symbolismo, a imaginação dos homens accrescenta-lhes o que a mesma naturesa tem de brutal e de terrivel nos seus effeitos. Logo estes animaes e estes monstros que representariam por si proprios a divindade, não se tornam senão simples attributos d'essas mesmas divindades que então se representam sob as fórmas do proprio homem.

Pan, munido do seu cajado curvo que é a arma de caça do pastor e tendo uma flauta, é o Deus do Campo; é elle que faz multiplicar os rebanhos. Este Deus resente-se por vezes da sua primeira origem no modo como é representado; tem chifres e pernas de bode. Hercules é na sua origem um Deus da luz. O seu exterior é o de um guerreiro selvagem e cobre-se com uma pelle de leão cuja juba brilhante simbolisa os raios do sol. Os seus combates contra os monstros são combates do Deus primitivo da luz, a luta entre o dia e as trevas.

Plutão, este Hercules, este Deus solar, ainda se civilisa e transforma. Apollo não é ao principio senão um simples pastor, e como todos, amigo dos campos; depois porém eleva-se e a sua condição muda. Apollo percorre o ceo em um carro brilhante, e está armado de flechas de ouro, raios de luz de que se serve para ferir a serpente Python, a personificação das trevas.

Este Deus tem o cysne por ave favorita, aperfeiçoou a flauta e tornou-se tambem o Deus da musica. Todos os Deuses primitivos da Grecia, são Deuses da luz. Zeus (Jupiter) é tambem um Deus sollar, mas para os gregos é mais especialmente o ordenador das cousas celestes. Tem por arma o proprio raio, e quando derruba o inimigo cinge o braço com o escudo. Sustentou o assalto que os Titans deram ao ceo, e esta lucta recorda as commoções vulcanicas do mundo nas primeiras idades.

No emtanto, todos estes Deuses da luz, na sua origem, obtéem com o tempo attribuições differentes, sendo por isso necessario um novo Deus que represente mais particularmente o sol e só a elle. Esse Deus é Helios (o sol), que conduz o seu carro como Apollo. A antiguidade mostra-nos em uma das suas representações as estrellas como crianças recreando-se á beira da agua; á aproximação de Helios submergem-se e desapparecem e á medida que o carro do Deus se eleva no horisonte, a noute coberta com um véo, apparece montada em um cavallo negro.

Todos estes Deuses e Deusas da Grecia vivem em commum no Olympo e as suas relações ás vezes são tão libertinas, que se censura á religião grega a immoralidade dos seus Deuses. Desde o momento em que a divindade representasse o corpo do homem era muito natural que se apropriasse igualmente o seu espirito, as suas paixões e os seus sentimentos. Outr'ora as divindades eram monstros e animaes, possuindo comtudo paixão e sentimento, e desde que essas divindades tinham espirito, elevaram-se e por esse motivo a religião dos Gregos teve Deuses do espirito.

Zeus (Jupiter) é o arbitro da alma, o pae dos Deuses e dos homens, e no Olympo é o mais poderoso. O Destino não é outra cousa senão a vontade de Jupiter e Jupiter obdece ao Destino porque elle, isolado, observa por si mesmo a ordem.

Quanto mais se caminha para a bella época da Grecia mais a religião se purifica e se torna espiritualista. Minerva é a deusa que dá aos guerreiros o valor no combate, é a sabedoria no conselho. A sabedoria não é mais do que o astro, o seu genio é a industria. Mas como a encontramos nós completamente transformada por Phidias? Ella é toda nobreza, preside ás artes liberaes e ao estudo da sciencia, é a Deusa do enthusiasmo e do valor. Phidias metamorphoseou do mesmo modo Jupiter. Já não é um ente com as paixões e sentimentos dos homens, mas sim o Jupiter, o senhor de tudo o que existe, aquelle que a um simples franzir das sobrancelhas fará tremer o Olympo. O proprio Apollo tem ennobrecida a sua missão. Outr'ora presidia aos cantos dos pastores, mas depois tornou-se o arbitro das bellas-artes, governando os seus oraculos toda a Grecia. Os Deuses deixaram de ser ciosos dos homens, e é por isso que se faz uma ideia muito elevada da divindade. Todas essas fabulas, mesmo, que deviam ser tão queridas á imagina-

ção dos Gregos, essas lendas em que os Deuses nem eram já respeitados, começam a desapparecer. Principia a ventilar-se o problema do homem depois da morte. D'antes, o destino do homem era muito incerto, em quanto que os heroes tinham a esperança de vêr pairar a sua sombra no Elysio.

(*Continúa*).

DA PINTURA ANTIGUA

POR

FRANCISCO DE HOLLANDA

(Continuação, v. pag. 75)

— Ora quanto mais diz a pintura, que juntamente vos mostra aquella tormenta c'os trovões, raios, ondas e rottas, naos e penedos, e vedes: *omniaque viris ostentant praesentem mortem*, e n'um mesmo logar: *ex templo Æneas tendens ad sidera palmas* e *tres Eurus abreptas in saxa latentia torquete missamque hyemem sensit Neptunus et imis*, e assim mesmo mostra mui presente e vesivelmente todo aquelle incendio d'aquella cidade, em todas as suas partes, representado e visto tão igualmente como se fosse mui vero; d'uma banda os que fogem polas ruas e praças; da outra os que lanção dos muros e torres; d'outra parte os templos meios derribados e o resplandor da flama sobre os rios, as praias sigeas alumiadas, Pantho como foge com os idolos manquejando, trazendo pola mão seu neto, o cavallo troiano como pare os armados no meo de uma grão praça; acolá Neptuno, mui assanhado, como derruba os muros; Pirro como degolla a Priamo; Eneas com seu pai ás costas, e Ascanio e Creusa que o segue polo escuro da noite, muito cheos de pavor; e tudo isto assi presente, e assi junto e natural, que muitas vezes sois movido a cuidar que não estaes ali seguro, e folgaes de saber como aquillo são colores e que não podem damnar nem fazer mal. Não vos mostra isto espargido em palavras, que só aquella regra que tendes diante vos lembra, esquecendo-vos já o passado, e não sabendo o por vir, o qual verso não mais que as orelhas d'um grammatico difficultosamente entendem; mas vesivelmente gostão os olhos d'aquelle spectaculo como sendo verdadeiro, e os ouvidos parece que ouvem os proprios gritos e clamores das pintadas feguras; parece-nos que cheiraes o fumo, que fugis da flama, que temeis as ruinas dos edeficios; estaes para dar a mão aos que caem, staes para defender aos que pelejão com muitos; para fugir com os que fogem, e para star firme com os esforçados. E não sómente o discreto é satisfeito, mas o simples, o vilão, a velha, não inda estes, mas o strangeiro sarmata e o indio, e o persiano (que nunca entenderam os versos de Vergilio, nem de Homero, que lhe são mudos) se deleita e entenderá aquella obra com grande gosto e pronteza; e até aquelle barbaro deixa então de ser barbaro e entende por virtude da eloquente Pintura, o que lhe nenhuma outra poesia nem numeros de pés podia ensinar. Querendo Cebete thebano screver um seu conceito para doutrina da vida humana o fingio e pintou em um retavolo, por assi lhe parecer que melhor o expremeria, e que seria mais nobre e de melhor vontade entendido dos homens, mas mais desejou elle então saber pintar para fallar, que screver; porém se inda por cima d'isto afirmar a poesia que uma Venus pintada aos pés de Jupiter que não falla, nem assi mesmo Turno pintado, mostrando o seu valor diante d'el-rei Latino, nem inda esta razão poderá emmudecer a douta Pintura a que não falle, e que não mostre assi como em todas as cousas, assi n'esta ser primeira ou sequer companheira da senhora poesia, porque o grande pintor pintará Venus aos pés de Jupiter chorosa, com todas estas vantagens que o poeta não fará: a primeira que elle pinta o céo onde isto se finge e a pessoa e vestido e auto ou movimento de Jupiter e da sua aguia com o fulme, e pintará inteiramente a perluxa fermosura de Venus, e o vestido da leve roupa com todo seu mais piadoso movimento, tão elegante e leve e com tanto primor que, inda que pola bocca não falle, que pareça nos olhos, nas mãos e na bocca que verdadeiramente falla (nem assi mesmo quando um rouco mestre lê as palavras e ditos de Venus, nem por isso ouvis a branda e suave falla de Venus) e que pareça que está dizendo todas aquellas piedades e queixumes que d'ella escreve Vergilio Maro. E assi fará em obra até el-rei Latino mais copiosamente, e claro o concilio dos Laurentes, uns com vultos conturbados e os outros mais constantes e quedos, differentes nos vestidos, differentes nos aspeitos e filosomias e nas idades, e nos movimentos differentes, o que o poeta não póde fazer, sem demasiada pluridade e confusão. E emfim não n'o fará, e d'isto fará o Pintor, para ser visto com mór gosto e que muito commova a pessoa, e assi mesmo porá diante dos olhos a brava imagem de Turno, tão jactante e irosa contra o covardo Drance, que o temeis, e que está elle mesmo dizendo: *Larga quidem semper, Drance, tibi copia fandi;* onde eu com meu pouco engenho, como descipulo d'uma mestra sem lingoa, tenho inda por mór a potencia da Pintura que da poesia em causar móres effeitos, e ter muito mór força e vehemencia, assi para commover o spirito e a alma, a alegria e riso, como a tristeza e lagrimas, com mais efficaz eloquencia. Porém seja juiz d'esta causa a musa Calliope, que eu me terei por contente do seu julgar.

E como isto dixe, callei-me. Porém a Senhora Marquesa me favoreceo, assi me enganando:

— Vós, M. Francisco, o tendes feito tão bem por vossa namorada a Pintura, que se mestre Micael não mostra outro tamanho sinal de amor por ella, por ventura faremos com ella que faça d'elle divorcio e se va comvosco a Portugal.

E sorrindo-se Micael, dixe: — Porque elle sabe, Senhora, que o eu já tenho feito, e lh'a tenho toda largado já a elle, por me não achar com as forças que pedem tamanhos amores; tem elle dito o que tem dito, como de cousa sua.

— Confesso, dixe eu, Senhora, que m'a tem largado, mas ella não se quer ir comigo, de maneira que lhe torna a ficar em casa; nem eu inda que tanto valesse, não a quereria vêr em minha patria inda agora, porque como poucos a lá sabem stimar, e o meu serenissimo rey, se não é n'um tempo muito desocupado, tambem não a favoreceria, principalmente havendo alguma inquietação de guerra, onde ella não serve; e

enfadar-se-hia, e porventura se iria um dia de enfadada lançar no mar oceano, que é lá perto, e far-me-hia muitas vezes cantar aquelle verso de: *Audieras: et fama fuit; sed opera tantum nostra valent, Lycida, tela inter maria quatun, chaomias dicunt aquila veniente columbas.* Se ella servisse em o tempo da guerra, logo a eu desejaria.

—Já vos entendo, dixe a Senhora Marquesa, mas porque por hoje está bem passado o dia, fique a vossa tenção para est'outro domingo. E como isto dixe, ergueo-se, e nós todos com ella, e fomo-nos.

PARTE TERCEIRA DO DIALOGO DA PINTURA

Não sómente ao outro domingo seguinte, não nos pudémos ajuntar com a Senhora Marquesa e com M. Angelo, mas ainda ao outro, d'ali a oito dias, fomos quasi empedidos e nos não queriamos congregar; e isto porque em aquelles dias fazia-se na cidade de Roma a festa dos doze carros triumphaes no campo Nagão, ao modo antigo, saindo do Capitolio com tanta manificencia e anteguidade, que parecia a homem que se via no antigo tempo dos emperadores e triumpho dos romanos. E fazia-se então aquella festa no casamento do Senhor Ottavio, filho de Pedro Luiz e neto do Papa e Senhor Nosso Paulo III, com a Senhora Madama Margarida, filha do emperador, adoutiva; a qual fôra pouco tempo havia mulher de Alexandre de Medices, duque de Florença, o que matarão tão mal morto á traição em Florença. E agora, sendo ella viuva e muito moça e fermosa, casou-a Sua Santidade e Sua Magestade com o Senhor Ottavio, muito moço e muito gentil homem, por onde toda a cidade e a côrte os festejarão quanto podiam, ora de noite com serões e banquetes e com arder toda Roma em fogos e lumenarias, e sobretudo o castello de Santo Angel, ora todos os dias, fazendo algumas festas e gastos. Assi como foi a festa do monte Trestacho, com os seus vinte touros em vinte carretas atados, mudados em publico spectaculo na praça de São Pedro; e como foi o paleo que correrão os bufaros e os cavallos por toda a via de Nossa Senhora Transpontina, até á praça do mesmo paço. E assi estas festas que digo, dos doze triunfaes carros dourados e inventados de muitas feguras de vulto e devisas muito illustres, onde hião os romanos e os cabeças das regiões de Roma, vestidos á antigua, com toda a ambição e ufania que se podia sperar, e com cem filhos de cidadãos vestidos, em cavallos tão bravamente e tão rasgados n'aquella galantaria da pintada antiguidade, que bem baixos ficavão ante elles os saios de velludo e as plumas, e infenidade das novas gentilezas e trajos, de que Italia eicede a todas as outras provincias da Europa. Mas como eu vi decer esta nobre phalange e companhia do Capitolio com muita infantaria, e considerei toda a invenção dos carros e dos edis, vestidos á antiga, e vi passar o Senhor Julião Cesarino com o estandarte da cidade de Roma, n'um cavallo acobertado, coberto de armas brancas e brocado preto; virei logo o meu rocim lá para contra Monte Cavallo, e assi me fui passeando caminho das Thermas, cuidando muitas cousas do tempo passado, em que me então mais via que no presente.

(*Continúa*).

DESENHOS

SANTA CRUZ DE COIMBRA

Desenhos de Soares dos Reis, reproduzidos por Thomaz Costa

Os quatro capiteis de que damos os desenhos, pertencem ao claustro da igreja de Santa Cruz de Coimbra. São do estylo gothico florido a que entre nós se dá o nome de estylo Manuelino e representam os principaes typos e os mais interessantes de entre a serie dos que se vêem no referido claustro.

MANOEL M. RODRIGUES.

FLOR AGRESTE

Busto em marmore, de Soares dos Reis, desenho do author

Uma graciosa cabeça de creança a que não falta nem mimo nem bellesa. Foram a condição humilde d'essa rapariguinha, os seus trages andrajosos e o desalinho d'aquelles cabellos mal cuidados, que inspiraram ao artista o titulo que deu ao delicioso busto.

Adquirido o anno passado, na exposição do Centro Artistico Portuense, pelo desvelado collecionador o snr. Nuno de Carvalho, exhibe-se elle de novo, por vontade do seu possuidor, na actual exposição de bellas-artes realisada no Atheneu de D. Pedro, pelo mesmo Centro.

MANOEL M. RODRIGUES.

PRAIA DA POVOA DE VARZIM

Quadro de Marques de Oliveira, croquis de Soares dos Reis

Este trabalho de Marques de Oliveira, esteve na Exposição do Centro Artistico do anno passado, sendo adquirido pelo seu actual possuidor o snr. Soares dos Reis. Representa uma parte pittoresca da praia da Povoa de Varzim, fonte inexgotavel de assumptos para o paizagista. D'aquella localidade ha diversos quadros de Silva Porto e do author do que hoje se reproduz.

MANOEL M. RODRIGUES.

UMA SALVA HISTORICA [1]

Entre os objectos que figuraram na *Exposição de arte ornamental* de Lisboa sobresahia como um dos trabalhos excepcionalmente bellos, a obra d'arte que hoje publicamos em um excellente desenho do nosso consocio o snr. Torquato Pinheiro. O catalogo da exposição não falla d'ella! O objecto veio para a exposição em fins de janeiro, porque serviu no paço, para as festas dadas a D. Affonso XII, mas tendo o ultimo fasciculo do catalogo official apparecido em maio (!) não

1 Já chamamos a attenção do publico para esta obra d'arte, analysando-a nas conferencias que fizemos em Lisboa sobre a Exposição de arte ornamental, em maio e junho d'este anno.

haveria tempo para fazer um supplemento n'esse fasciculo para esta peça, e para outras da casa real, que vieram tarde para a exposição, pelo mesmo motivo? Decerto que havia tempo, tratando-se sobretudo de uma obra d'arte que é um documento precioso da historia portugueza. E' verdade que ninguem deu, até hoje, por essa circumstancia.

O snr. Simões (*A exposição retrospectiva*, etc., pag. 44) tambem não faz excepção á regra. Dedica-lhe cinco linhas e um terço: «A par com estas obras de ourivesaria nacional expõe sua magestade outras de estylo mui differente. Taes são tres grandes pratos de prata doirada. *O mais antigo tem no centro as armas dos Sás encimadas pela corôa de marquez* (sic), *as mesmas que usou mais tarde o marquez d'Abrantes. Adornam o bordo muitos baixo-relevos*, (sic) *perfeitamente cinzelados, representando os deuses da fabula transportados em carros.*» E é tudo o que diz o snr. Simões.

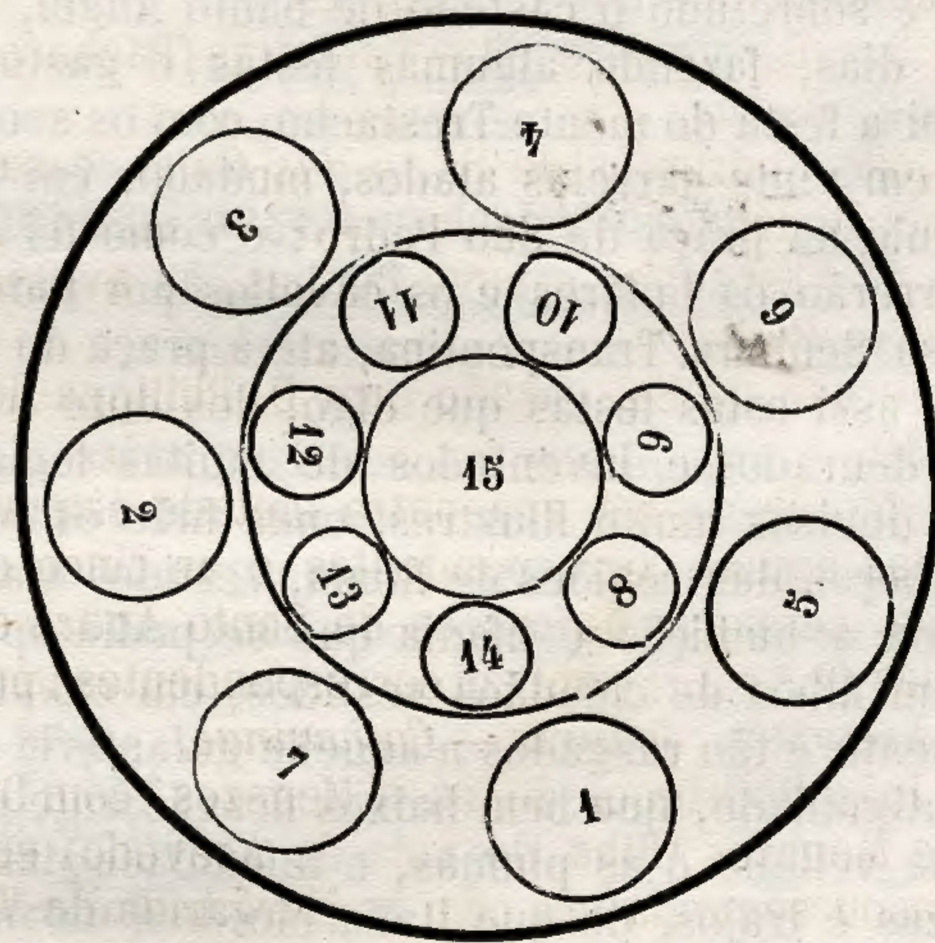
A sua opinião sobre a nacionalidade da obra guarda-a, com toda a cautella; fica para outra vez. Qual seja o tal estylo *mui differente* é tambem questão que fica adiada.

Dissemos que a salva é um documento precioso da historia portugueza, e vamos proval-o, antes de entrarmos na analyse do trabalho do ourives. Está alli a geneologia completa dos Sás Colonneses desde o segundo morgado da casa de Sever até ao decimo quinto, que foi o segundo marquez de Abrantes, D. Joaquim Francisco de Sá e Menezes, que casou a 22 de dezembro de 1726 com sua sobrinha D. Maria Margarida de Lorena, filha de D. Rodrigo de Mello (Cadaval) e de D. Anna de Lorena [1]. A salva celebra este casamento; pode-se affiançar isto quasi como certo, porque todos os outros escudos são, como este (n.º 14) sem excepção, alliança da casa dos Sás, e a ultima alliança em data, apontada na salva, é precisamente a de Dom Joaquim.

As outras allianças vão descriptas segundo a ordem chronologica, ordem que não foi observada pelo ourives que, modernamente, collocou os escudos nos respectivos logares. O trabalho dos escudos data do principio do sec. XVIII, e confirma a data que assignámos á ultima consagração da salva (1726). São de chapa delgada de prata dourada, batida sobre algum padrão de aço ou ferro; a *cartouche* ou moldura circular, é egual em todos, de estylo rocóco, mas de um bom desenho. As chapas foram fixadas por meio de cravos, que atravessam a borda; os cravos estão visiveis nas costas da salva. Não é possivel averiguar o que estava por debaixo d'esses escudos, mas é provavel que fossem outros escudos mais antigos. Com a mudança do dono, mudariam os escudos [2]. O ultimo ourives que concertou a salva, (que tem algumas falhas) ou alguem que soltou os escudos para limpar, enganou-se na nova collocação.

Confirma esta hypothese a boa ordem chronologica em que estão os escudos do segundo circulo; aqui não podia haver engano, porque estes sete escudos formam com o grande, central, *uma chapa inteira*, o que não se conhece mesmo na grande photographia de Laurent (n.º 217), como não se conhece tambem o trabalho d'applicação dos outros escudos soltos. E' preciso examinar, com cuidado, o proprio original.

Na enumeração dos escudos podiamos seguir o curso da composição, que corre da direita para a esquerda, começando com o escudo da borda, que fica perpendicular ao grande, do centro, mas preferimos seguir a ordem racional, chronologica, mesmo porque nas figuras da composição pouca relação se descobre com os successos historicos da casa dos Sás. Os escudos são todos de femeas, em fórma de lozango (menos o do centro) e bipartidos, tendo um dos lados sempre os *escaques azues e de prata* dos *Sás;* a outra metade varía segundo a respectiva alliança feminina; de um lado está o nome do varão que é sempre Sá (em escaques), do outro o nome da femea. Nos casos em que os signaes do lado feminino não correspondem ao nome de familia da respectiva mulher, indicámos a filiação d'ella, que justifica o uso dos signaes do escudo. O grande escudo do centro é inteiro, de homem, e todo de escaques [1]. Os Sás foram Alcaides-Móres do Porto durante seculos, desde 1392 até ao seculo XVIII, depois de haverem sido Alcaides-Móres de Gaya desde 1300. Foi primeiro Alcaide-mór do Porto João Rodrigues de Sá, *o das Galés* (v. escudo n.º 3). E' mais uma razão para nós, os portuenses, nos lembrarmos d'esta salva. O seguinte desenho ajudará a exposição; basta que o leitor applique os numeros d'elle á respectiva estampa:



[1] Dom Joaquim casára antes com D. Felipa de Lorena, sua tia, que morreu de bexigas em 1713; a segunda mulher era sua sobrinha e prima co-irmã.

[2] Isto é sabido de quem conhece as antigas salvas portuguezas, que têm quasi sempre escudos de lavor mais moderno que os das respectivas salvas, e além d'isso applicados, isto é: moveis.

[1] As fontes que consultámos foram:
Sousa, *Historia genealogica;* D. Luiz Caetano de Lima, *Geographia historica;* Frey Francisco de Santo Agostinho de Macedo, *Domus sadica*, regiis lineis firmata, romaniis Columniis nixa, Sadicis heroibus illustrata. Londini, 1653. fol. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. *Poesias* de Sá de Miranda, com notas e taboa genealogica dos Sás, obra em que as vinte e uma tabellas genealogicas da casa dos Sás, coordenadas por Macedo, foram pela primeira vez aproveitadas. Nem o snr. C. C. Branco, nem o snr. T. Braga viram esta obra *Domus Sadica* para os seus estudos sobre os Sás.

PRIMEIRO CIRCULO

N.º 1. Escaques e um castello ardente (Berredos). *Ioannis — Tharasiae.*

E' João Alphonso de Sá, casado com D. Thereza Ruiz de Berredo, em 1320.

Falta aqui o nome do 1.º morgado de Sever: Paio ou Pelayo Rodrigues de Sá, Alcaide-mór de Gaya, no tempo de D. Diniz, talvez porque não é conhecida a sua alliança matrimonial.

N.º 2. Escaques e uma columna coroada. *Roderici — Juliae.*

E' Rodrigueannes de Sá, casado com Giulia Colonna da casa de Italia em 1370.

Esta alliança é celebre na historia da nobreza de Portugal. Já o *Cancioneiro de Rezende* allude a ella (vol. II pag. 368):

Nos escaques celestriaes
& de prata está mostrado
o muy nobre & muy honrado
& por batalhas rreaes
sangue de Saa derramado.
Com que o Romano Columnes
se mesturou d'atraves.

Os auctores portuguezes fallam de uma *Cecilia* Colonna, casada com Rodrigueannes, inclusive o erudito Macedo, na sua 1.ª grande Taboa genealogica; mas no texto cita D. Julia. A nossa salva fornece pois um argumento que era desconhecido [1]. Rodrigueannes esteve como embaixador em Italia para regular negocios de D. Pedro I (1337-1367); é duvidoso (segundo Macedo) se casou mesmo em Roma com D. Julia, ou se em Portugal, vindo ella em companhia do Legado pontificio Agapito Colonna, depois Bispo de Lisboa de 1371 a 1380. O poeta Sá de Miranda allude mais de uma vez á alliança dos Sás e Colonnas.

N.º 3. Escaques e duas caldeiras (Pachecos) *Ioannis — Elisabethae.*

E' João Rodrigues de Sá, *o das Galés*, casado com D. Isabel Rodrigues Pacheco em 1390 ou 1400.

N.º 4. Escaques e nove cunhas, ás avessas. *Ferdinandi — Philippae.*

E' Fernão de Sá, casado com D. Philippa da Cunha em 1430.

N.º 5. Escaques e a outra metade esquartelada, com duas aguias correspondentes e as cinco estrellas em aspa, cercadas de cruzes de Santo André em duas quartelas (2.ª e 3.ª) tambem correspondentes; portanto: Sás e Azevedos. *Ioannis — Catharinae.*

E' João Rodrigues de Sá e Menezes [2] com D. Catharina de Menezes (filha de Luiz de Azevedo) em 1460. Este casou segunda vez com D. Margarida de Vilhena e terceira vez com D. Joanna de Albuquerque.

N.º 6. Escaques e a outra metade esquartelada com quinas e cinco flores de liz, correspondentes. [1] *Henrici — Beatricis.*

E' Henrique de Sá e Menezes com D. Beatriz de Menezes da casa de Cantanhede em 1490.

N.º 7. Escaques e um leão rompente (Castello-Branco). *Ioannis — Camillae.*

E' João Rodrigues de Sá e Menezes, o *Velho*, com D. Camilla de Noronha, filha do Conde D. Martinho de Villa Nova de Portimão e Castello Branco em 1513. Este Sá parece que casára antes com D. Catharina de Noronha.

N.º 8. Escaques e Cruz floreteada dos Pereiras. *Sebasti — Ludovicae.*

E' Sebastião de Sá e Menezes (morto em Alcacer, 1578) com D. Luiza Henriques, filha de D. Francisco Pereira.

N.º 9. Escaques e seis besantes, em doble cruz, (Almeidas). *Ioannis — Elizabethae.*

E' João Rodrigo de Sá e Menezes, 1.º conde de Penaguião (fallec. em?), com D. Izabel de Mendonça, filha e herdeira de Dom João de Almeida, alcaide-mór de Abrantes. D'ahi veio depois o titulo Marquez de Abrantes na pessoa do escudo n.º 13.

N.º 10. Escaques e quatro fachas (Athaide-Atouguia). *Francisci — Ioannae.*

E' Francisco de Sá e Menezes, 2.º conde de Penaguião (fallec. em 1621 [2]) com D. Joanna de Castro, filha de João Gonçalves de Athaide, 4.º conde de Athouguia e de D. Maria de Castro.

N.º 11. Repetição do mesmo escudo. *Ioannis — Ludovicae.*

E' João Rodrigues de Sá e Menezes, 3.º conde de Penaguião (fallec. em 1658) com D. Luiza de Faro, filha de D. Luiz de Athaide, 5.º conde de Athouguia.

N.º 12. Escaques e escudo real das quinas com labeu (Lencastres, duques de Aveiro) *Francisci — Ioannae.*

E' Francisco de Sá e Menezes 1.º Marquez de Fontes (fallec. em 1677) com D. Joanna de Lencastre.

N.º 13. Escaques e as quinas em aspa com a cruz floreteada dos Pereiras (Mello, Cadaval). *Roderici — Elisabethae.*

E' Rodrigo Annes de Sá e Menezes, 3.º marquez de Fontes [3] e 1.º marquez de Abrantes (fallec. em 1733) com D. Izabel de Lorena, filha de Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, 1.º duque de Cadaval e da duqueza D. Maria de Lorena.

N.º 14. Repetição do mesmo escudo. *Ioachimi — Mariae.*

---

[1] Vide a nossa *Historia da Ourivesaria e joialheria portugueza* pag. 75-76, onde já notamos a importancia d'esta salva, como documento historico.

[2] O nome Menezes é accrescentado a Sá na pessoa de João Rodrigues de Sá, que casou a primeira vez com a citada D. Catharina de Menezes, filha de Luiz de Azevedo e de D. Aldonça de Menezes, cujo pae era o celebre D. Pedro de Menezes, 1.º governador de Ceuta, Conde de Vianna e de Villa Real. Esta D. Aldonça instituiu um morgado para os seus descendentes, com a condição de accrescentarem d'ahi em diante o appellido *Menezes* ao de Sá.

[1] O escudo é propriamente dos Albuquerques, porque os Menezes teem tres flores de liz, com as quinas e no centro o annel, mas isto é brazão moderno, como o usaram o conhecido conde da Ericeira e o Marquez de Marialva. Antigamente teriam o escudo dos Albuquerques (senhorios de Menezes em Hespanha e Albuquerque em Portugal); este ultimo senhorio foi dado a D. Affonso Tello de Menezes, fallecido em 1230, (Souza Tab. 26.) As allianças entre Menezes e Albuquerques são antiquissimas.

[2] Sousa *Hist. geneal.* vol. X p. 393; n'outro logar vol. XI p. 325 diz fallec. em 1647. A primeira data é a mais provavel. Este escudo n.º 10 tem a particularidade de apresentar os escaques do lado do nome da *mulher*, sic: Ioannæ — Francisci; é a unica excepção, mas é quasi certo ser esta disposição o resultado de um engano.

[3] Falta aqui o 2.º Marquez de Fontes João Rodrigues de Sá e Menezes, cujo casamento estava tratado com a mesma D. Isabel de Lorena, porque falleceu antes do matrimonio, em 1688.

E' Joaquim Francisco de Sá e Menezes, 4.º marquez de Fontes e 2.º marquez de Abrantes casado em 1726 com D. Maria Margarida de Lorena, da casa de Cadaval.

N.º 15. Escudo inteiro de escaques (sem nomes), que assenta sobre um manto com desenho enxaquetado, suspenso a duas columas coroadas [1], e rematado com uma corôa ducal. Por cima da corôa uma fita com a divisa NAM VOLTO; e em torno do escudo a legenda ANTIQUAE AB ORIGINE GENTIS. Da parte inferior do escudo pende a cruz de S. Thiago.

Como o leitor reconhecerá, ha-de ser muito difficil encontrar uma obra de ourivesaria que offereça um interesse historico tão palpitante. O valor da peça como obra de arte é extraordinario. Estamos em face de uma obra prima da escola dos grandes ourivezes de Augsburgo e Nürnberg, sahidos das officinas de W. Jamitzer (1508-85). Não é só o estylo da esculptura, a finissima modelação em exiguas dimensões, a cinzeladura perfeita em todas as minucias; é o desenho geral, a composição no estylo typico da Renascença allemã, tardia (1550-1570), o *Lederornament,* os rotulos com mascaras e fitas enroladas, ligados por guirlandas de fructos, os *rotulos y colgantes*, como diziam os ourivezes hespanhoes do sec. XVI na sua linguagem caracteristica, que nós traduzimos logo em *rotulos e pendurados.*

O fundo da salva, isto é o segundo circulo (o terceiro é preenchido pelo segundo grupo dos escudos) é realçado com uma laçaria de estylo oriental puro, de bellissimo effeito. No *Kunstbuch* [2] de Peter Flötner, artista de Nürnberg, fallecido em 1546, encontram-se centenas de motivos identicos, que este fecundo artista inventou e gravou *especialmente para os trabalhos em metal,* e que foram com effeito approveitados por varios ourivezes, entre os quaes citaremos só Iakob Hoffmann e Melchior Bayr [3]. Esse fundo foi gravado talvez pelo processo a *agua forte*, que Dürer tinha inventado havia pouco tempo, e applicado á gravura em metal. A nova invenção agradou, e a prova está nos numerosissimos modelos de Flötner, feitos por elle expressamente para o lavor tauxiado, e para a gravura a agua forte sobre metaes.

Seguiremos agora o movimento da composição (caminhando do escudo n.º 4 para diante), que se desenvolve em um cortejo triumphal, formado por sete figuras allegoricas em magnificas carroças, puxadas por varios animaes. «A figura da primeira carroça, puxada por dois griffos, tem diante de si um joven, que destapa uma copa, ricamente lavrada, talvez o thesouro da felicidade. A' segunda carroça puxam dous cavallos fogosos, guiados por um homem que sustenta um caduceu, e tem na parte dianteira um gallo, symbolo da vigilancia. Na terceira correm dous lebreus, e tem na dianteira um tropheu d'armas; no alto da carroça vê-se uma figura de espada e adarga, em attitude de combate, o valor guerreiro talvez. Na quarta está assentada uma mulher núa, puxada por dous veados, e na dianteira vê-se um pavão, pouzando sobre uma cornucopia, talvez a belleza guiada pela castidade. Na quinta, puxada por quatro cavallos, que um homem soffrea a custo, figura na dianteira um leão rompente, a força. Na sexta voam duas hydras; um velho armado de uma fouce segura uma criança com a mão, e outras tres fogem temerosas, provavelmente allegoria ao tempo ou vida fugaz, na pessoa de Saturno. A setima e ultima carroça puxada por dous cysnes coroados, é occupada por um homem, e tem na dianteira um genio disparando settas, o amor victorioso, fechando o cortejo [1].»

Todo este trabalho, que é cinzelado em alto relevo, desafia a critica mais severa. A orla a que alludimos, com lavor de rotulos e pendurados, compõe-se de cinco segmentos, sendo tres eguaes entre si (0,28) no tamanho, e dous maiores, (0,37) eguaes; parece-nos que esta borda foi tirada em molde e depois acabada a buril, porque executal-a em trabalho abolhado, a martello, seria uma tarefa custosissima. A orla é pois um trabalho de *applicação,* como os escudos. Toda a salva antiga está applicada sobre outra salva mais grossa de prata dourada, isto é *doublée*, que a protege, e ajuda a segurar, com cravos de prata não só os cinco segmentos da orla, mas tambem os sete escudos maiores da borda, e a placa com os escudos da parte central. As dimensões exactas das differentes partes componentes são as seguintes:

Diametro	total da salva	0,54
»	do primeiro circulo, sem cartouche	0,07 1/2
»	do segundo circulo (arabesco) . É maior, medindo a curva.	0,08
»	da placa central	0,19
»	do escudo grande do centro. .	0,08 1/2
»	dos circulos dos escudos maiores, com moldura . . .	0,04
»	idem, sem moldura	0,03 1/2
Altura do fundo		0,04
Comprimento	de cada um dos tres segmentos da orla	0,28
»	de cada um dos dous segmentos da orla	0,37

A esta salva pertence um gomil, que é um trabalho tambem muito notavel, mas não tão perfeito. Laurent não o photographou, infelizmente. As suas proporções são um pouco pequenas, em relação á salva:

Alt. total	380	millim.
» do bojo	140	»
Diam. do bojo	110	»
» do pescoço	42	»
» do pé	105	»

O desenho da peça é elegantissimo; as proporções das suas partes, que medimos cuidadosamente, em oito secções (não as podemos indicar todas por falta de desenho) são perfeitas. Dividiremos o gomil em tres par-

[1] Columna argentea capitulo coronato & basi aureis in scuto rubeo (Imhof. *Genealog. Italiæ familiarum*. Amstelodami, 1710, pag. 217).

[2] *Das Kunstbuch des Peter Flötner* etc. Berlin, 1882. Ed. fac-simile.

[3] Rettberg *Nürnberg's Kunstleben.* Stuttgart, 1854, pag. 160.

[1] Esta descripção é tirada da nossa *Historia da ourivesaria e joialheria portugueza,* pag. 73-74. Algumas figuras podem ser tomadas como Deuses da fabula, porque estão caracterisadas, de certo modo, como Mercurio com o caduceu (n.º 2); Marte batalhando (n.º 3); Diana com a lua na fronte (n.º 4). Outras não teem caracterisação clara.

tes: o pé com o seu nó, o bojo, e o pescoço com o labio por onde sahe a agua, além da aza, que é um elemento applicado. O pé está dividido em elegantes molduras cobertas de lavores de mascaras, guirlandas de flôres, ovulos e outros ornatos no estylo da Renascença; o nó é realçado com um lavor de uvas e folhas de videira, tudo cinzelado. O bojo divide-se em tres partes; a parte inferior e superior tem lavor de arabescos no estylo dos da salva, e entre as duas ha uma facha de 77 millim. de altura, com varios episodios da vida humana, que já conheceremos. No pescoço está representado um mar com golphinhos, que nadam por entre plantas aquaticas; um lavor de mascaras, rotulos e pendurados prepara a formação do labio, traçado com elegancia e realçado com figuras de animaes, abertas a buril. A aza é formada por uma cornucopia, graciosamente recurvada, que despede para cima e para baixo duas hastes, que completam a figura de um S.

Os episodios abertos a buril, em alto relevo, na faxa do bojo figuram as quatro estações, nos seguintes quadros:

A primavera. Um homem e uma mulher sentaram-se em um banco coberto de flôres; por detraz uma estacada de rosas resguarda-os dos olhares indiscretos; a dama levanta-se para colher flôres; na frente varias crianças brincando; no fundo uma paisagem florida, com casas ao longe, cobertas de colmo.

O verão. Outra paisagem mais florida; arvores carregadas de fructo e videiras; a mulher gravida, o homem trabalhando na terra; ao fundo uma paisagem com um castello; á direita ceifadores.

O outomno. Uma ramada com uvas, formando arco, atravez do qual se avistam varios montes e um castello; a mulher beijando a criança; o homem carrega um grande cesto repleto de uvas; outros homens estão occupados a encher as dornas, outros a pisar a uva.

O inverno. Interior de uma casa. Dous homens sentados ao fogão; á porta da casa um outro homem, rachando lenha. No telhado avista-se um mocho e por cima a lua; o fumo sahindo da chaminé.

Estes quatro episodios estão tratados em feliz allegoria; separam-n'os quatro arvores, cujo aspecto indica a mudança do assumpto; no quadro do outomno a arvore divisoria tem fructos; no quadro do inverno está sêcca, na primavera está florida etc. Um pequeno episodio em cada quadro reforça a significação d'elles de um modo muito realistico. Na *primavera* vêmos um gallo fecundando uma gallinha; no *verão* a gallinha incubando; no *outomno* a gallinha com varios pintainhos; no quadro do *inverno* a gallinha desappareceu.

Este *humourismo* é propriamente germanico; o artista procurou um parallelo, e traduziu-o com plena liberdade de inspiração, sem se importar com as conveniencias da sociedade.

Já dissemos que a facha em que estes quatro quadros estão burilados não tem mais de 77 millim. de altura. O leitor póde pois avaliar as pequenissimas dimensões das figuras, cinzeladas com o maior primor. O gomil não tem armas, nem lettras; um pequeno rotulo na parte inferior e extrema do labio, está em branco; um outro rotulo na frente da facha alludida, formando almofada, está coberto com um lavor de arabesco, semilhante ao do bojo. Não encontramos marcas no gomil; a salva tem as seguintes: um N dentro de um circulo, uma flôr de cinco folhas e um riscado em zig-zag.

Ainda uma palavra. Havia ainda um terceiro objecto na exposição que pertence, sem duvida á mesma escola, á mesma epoca e, provavelmente, ao mesmo artista; foi collocado na sala N n.º 384, ficando o gumil e a salva na sala G, a grande distancia, como prova de bom criterio. A affinidade passou pois desapercebida a todos, e não a haveriamos notado, se annos antes da exposição não tivessemos procedido a um exame comparado das peças da ourivesaria portugueza, nos proprios originaes, do Paço da Ajuda (1877) e da Academia, marchando com as photographias de Pardal e Laurent de um para outro lado [1]. Uma nova confrontação decidiu a questão, para nós. O citado n.º 384 pertence ao Museu da Academia de Bellas-Artes de Lisboa; é um cofre de bronze dourado e prata branca de que nos occuparemos em outro artigo.

(*Conclúe*)

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

CHRONICA

No dia 3 do corrente abriu-se no Atheneu D. Pedro a segunda exposição de bellas-artes promovida pelo Centro Artistico Portuense.

Foi de 58 o numero de obras expostas em architectura, esculptura, pintura e dezenho.

Em architectura apresentaram trabalhos os snrs. João José Nogueira, Manoel Antunes da Costa Guimarães e Thomaz Augusto Soller.

Em esculptura os snrs. Antonio Soares dos Reis, exhibiu a estatua em marmore, retrato da filha do snr. conde de Almedina, e o snr. Joaquim Augusto Marques Guimarães, um estudo, em gesso, do natural.

Em pintura os snrs.:

João Marques da Silva Oliveira.—Vindima; rua Chã em dia de procissão (impressão); bairro de pescadores na Povoa de Varzim; margem de um arroio; uma rua de Barbison (França); um retrato.

João Pedroso Gomes da Silva.—No Tejo; moleta (barca de pesca), na altura do Cabo de S. Vicente; bote catraio (em frente do Bugio); vista do Tejo em frente de Cacilhas; no Tejo.

Joaquim Augusto Marques Guimarães.—As mêdas do lameiro; margem do Souza; na meza da cozinha; o aguaceiro (copia); Noé amaldiçoando seu filho Cham.

José de Brito.—Ponte do Arco; rio Prado; retrato do snr. Luiz Candido Furtado Dantas; o peregrino; retrato do rev. Candido da Silva Campos; lavradeira de Santa Martha; o rio Prado em Santa Martinha.

José Marçal Brandão.—Recordações da Foz (dous quadros).

---

[1] Pardal foi o primeiro que publicou esta obra em 1869 (Sua collecção n.º 8); veio depois Laurent (n.os 232 e 232 *bis*, ambos os lados); emfim *A Arte* (outubro de 1880, com uma descripção que provoca a gargalhada) e o catalogo da exposição com um desenho mediocre (Est. n.º 91).

Thomaz Costa. — Um dia de julho (Vizella); jardim da Cordoaria (fragmentos); a praia da Affurada.

Em dezenho:

João José Nogueira — Retrato do snr. Francisco José Joaquim Nogueira.

Julio Costa. — Sete retratos originaes da publicação *Plutarcho Portuguez*.

D. Maria Emilia do Valle. — Um lunch.

D. Virginia Valle. — O barco amarrado.

Em photographia:

Augusto Candido Ramos. — Uma collecção de photographias de obras de arte.

O collecionador o snr. Nuno de Carvalho, expoz:

Em pintura. — Feira de gado, de Annunciação; uma paysagem, de Silva Porto; uma marinha, do mesmo artista; uma paysagem, de Ramalho; a calmaria, de Thomazini; grupo de cães, de Notermann; paysagem da ilha d'Elba, de Senno; um pagem (escóla italiana).

Em dezenho. — Duas paysagens, de Basto.

Em esculptura. — Flôr agreste (busto em marmore), de Soares dos Reis.

— O snr. Sousa Pinto, actualmente em Pariz, acaba de obter mais uma elevada distincção na Escola de Bellas-Artes d'aquella cidade.

Transcrevemos com o maior prazer a noticia que a seu respeito publicou o *Commercio do Porto*, por exprimir ella o nosso sentir com relação áquelle distincto artista:

«O periodico parisiense *Le Nouvelliste de Pariz* traz-nos uma noticia que deve ser agradavel a quantos presam o bom nome portuguez, manifestado em qualquer das actividades do talento e espirito humano.

No domingo passado precedeu-se á distribuição das recompensas aos alumnos da Eschola das Bellas-Artes, presidida pelo snr. Lagerotte, snb-secretario de Estado, assistindo a administração da Eschola, a commissão municipal de bellas-artes, os prefeitos do Sena e de policia, o corpo docente e muitos membros da Academia de Bellas-Artes.

Entre os nomes dos principaes laureados, encontramos no concurso de emulação, pintura e esculptura, premiado com uma medalha e á frente da lista, o snr. Souza Pinto, notando-se que os recompensados n'esta especialidade foram apenas cinco.

Souza Pinto é o antigo e talentoso alumno da Academia de Bellas-Artes do Porto, pensionista do Estado em Pariz, cujos merecimentos e esperanças do muito que poderia dar o seu talento, tivemos occasião de assignalar aqui varias vezes. Vemos com o maior agrado que a sua applicação e aptidões naturaes não desmentiram a geral espectativa de quantos o sabiam apreciar.

Admittido duas vezes ao *Salon*, essa ambicionada Corintho das bellas-artes que nem a todos os distinctos é dado transpôr, admittido a uma exposição de Londres, onde só se recebem as obras dos dedicados da arte, e agora laureado n'um concurso de emulação da Eschola das Bellas-Artes de Pariz, o snr. Souza Pinto dá d'este modo á patria os melhores testemunhos do seu talento. Se estas linhas lhe chegarem ás mãos, saiba o applicado alumno que a noticia que lêmos no *Nouvelliste de Pariz* produziu justamente entre os seus conterraneos a mais agradavel impressão.»

— Nas salas da redacção do *Commercio de Portugal*, acha-se instalada a exposição de quadros, promovida por varios artistas de Lisboa.

Concorreram a esse certamen os snrs. Columbano Bordallo Pinheiro, João Ribeiro Christiano da Silva, José Augusto de Figueiredo, José de Souza Moura Gyrão, Manoel Henrique Pinto, José Joaquim Cypriano Martins, José Vital Branco Malhôa, Antonio Carvalho da Silva Porto, João José Vaz e João Rodrigues Vieira.

São 83 os quadros expostos, os quaes teem os seguintes titulos:

Do snr. Columbano Bordallo Pinheiro: — Retrato de Sua Magestade a Rainha a snr.ª D. Maria Pia — Boa de lei! — Esboceto para o tecto de uma sala do snr. Bernardo Pindella.

Do snr. João Ribeiro Christiano da Silva: — Algés — Um lago no passeio da Estrella — Ribeira em secco — Caminho da fonte.

Do snr. José Augusto de Figueiredo: — Estudos de aguarella.

Do snr. José de Souza Moura Gyrão: — A hora da refeição — Uma boa cama — Quinta de Bellas — A ceara — Um mau caminho — Quinta do marquez de Pombal (Oeiras) — Luso — Dois irmãos — Flores — Folhas soltas — Estrada de Bellas — Elle e ellas (aguarella).

Do snr. Manoel Henrique Pinto: — Horta do Ferreiro (Setubal) — Anselmo (Alfeite) — Santo Amaro (Corroios) — Os moinhos (Setubal) — Paisagem de Camarate — Paisagem de Corroios — Ponte do Arco do Baulhe.

Do snr. José Joaquim Cypriano Martins: — Um molho de pinho — A ultima carta — Cabeça (estudo).

Do snr. José Vital Branco Malhôa: — Salero, retrato, (Pertencente ao snr. C. Relvas) — Estudo para o retrato de Salero — A fama coroando Euterpe, pintura decorativa do tecto da sala dos exames do Real Conservatorio de Lisboa — A Justiça, pintura decorativa da sala do Supremo Tribunal de Justiça — A serra em abril — O pateo dos Gatos — A parreira — Ao pôr do sol — Os inutilisados — A horta — O inverno — Corroios — Ao cahir da tarde — Casa rustica — Ao amanhecer — A ribeira de Santarem — Estudos de paisagem.

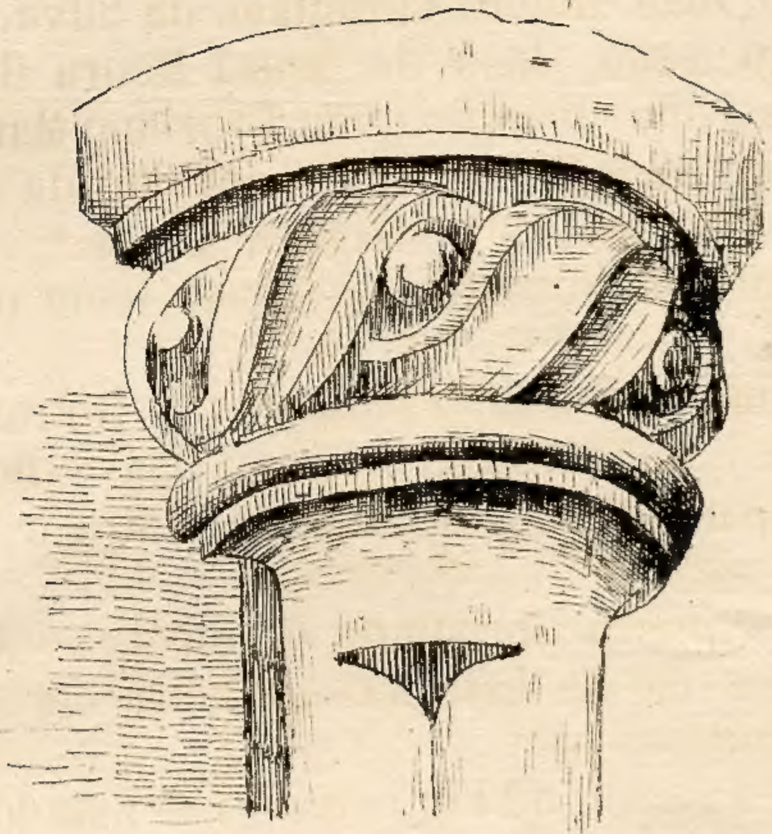
Do snr. Antonio Carvalho da Silva Porto: — Na arribana — Logar de Arnellas, (margem do rio Douro) — Ponte do Bico — Logar da Portella (margem do Mondego) — Ao pôr do sol — Santa Martha (Minho) — Uma vitella — Cabeça de camponeza do Minho — Logar de Castanheiro (Bellas) — Cabeça de vitella — Barcos de sal (Alcochete) — Vacca barrozã — Casa rustica (Douro) — Castello da Pena (Cintra) — Margem do Oise (França) — Chaumiére (Oise) — Pôr do sol (Alcochete) — Pinheiros (arredores do Porto) — Uma viella de Lisboa — Retrato da ex.ma snr.ª D. A. P. — Batel (Setubal).

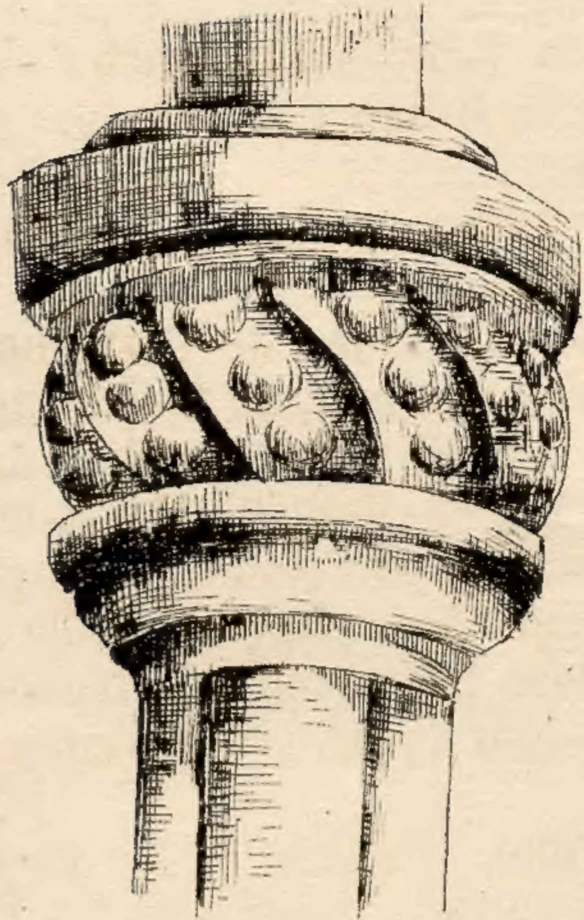
Do snr. João José Vaz: — A entrada na sala — Em Novembro — Quinta do marquez de Pombal (Oeiras) — A porta da egreja (Setubal) — Na primeira *pose* — O velho pescador — A serra de S. Luiz — Praia de S. Pedro de Muel (Leiria) — O muro da quinta (Setubal) — Margem do Sado (Setubal).

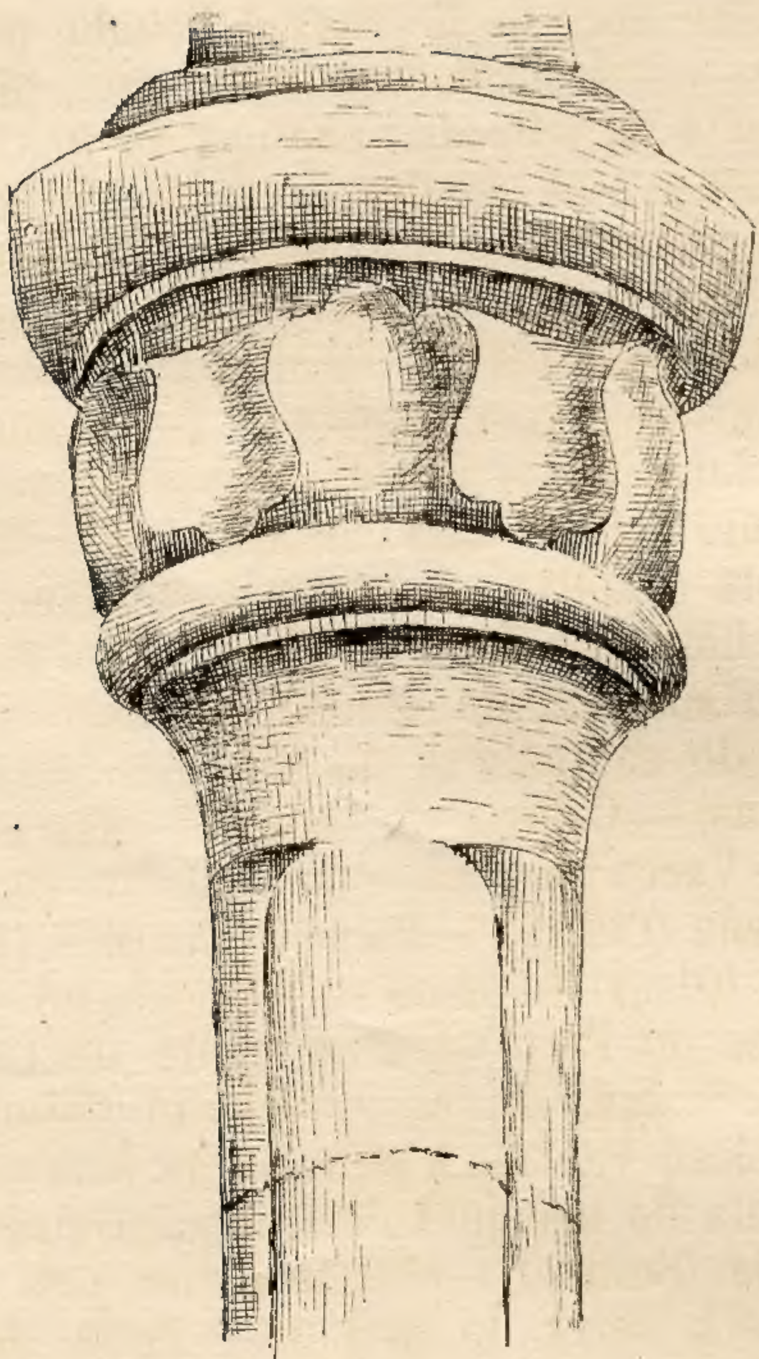
Do snr. João Rodrigues Vieira: — Ponte de Vital Homem (Porto de Moz) — Praia da Nazareth — Rua da Praia da Nazareth — O rio Lena em Porto Moniz (arrabaldes de Leiria).

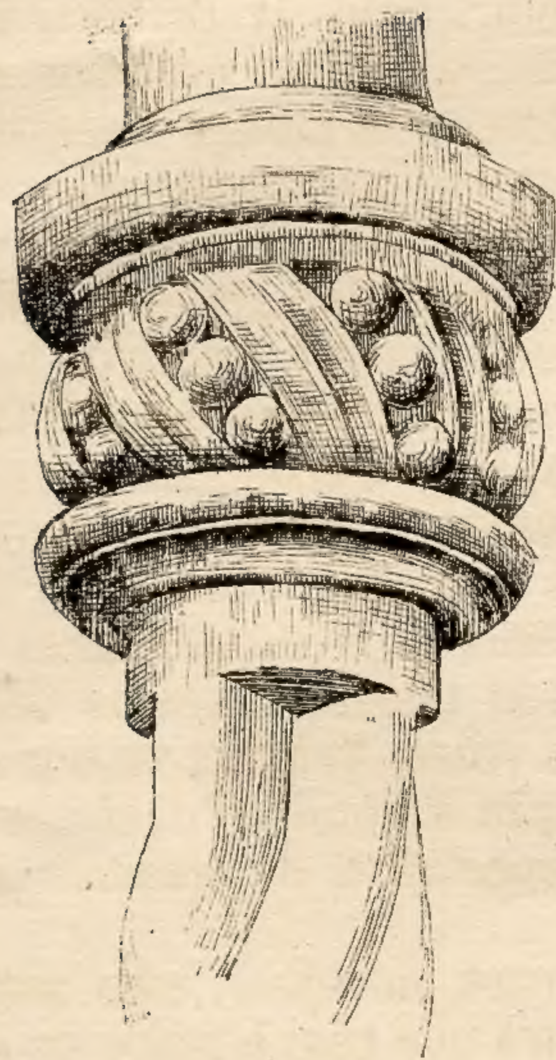
Manoel M. Rodrigues.











Santa Cruz de Coimbra — Desenhos de A. S. dos Reis, reproduzidos por Thomaz Costa

Flor agreste (busto em marmore) — Desenho de A. S. dos Reis





Praia da Povoa de Varzim — Quadro de J. Marques da Silva Oliveira, croquis de A. S. dos Reis

Exposição d'arte ornamental de Lisboa —Desenho de A. Torquato Pinheiro

EXPEDIENTE

Rogamos aos snrs. assignantes da provincia o obsequio de mandarem satisfazer o 3.º trimestre, visto que o 2.º terminou com o n.º 6.

Aos mesmos snrs. que estão em debito, pedimos o favor de mandar pagar, por meio de estampilhas ou vales do correio, para regularidade da escripturação e para não soffrerem demora na entrega.

Os snrs. assignantes que deixarem de receber qualquer fasciculo, terão a bondade de reclamal-o do respectivo administrador.

O 3.º trimestre terminou com o n.º 9